



XII Fórum Mineiro de Psicanálise

Corpos, línguas e outras escritas

25 a 27 de Julho de 2024

Muriae - MG

Retorno à modalidade presencial

A construção do sujeito nos tempos do Édipo e o sintoma infantil: Um estudo de caso sob a perspectiva psicanalítica

Victoria Costa¹, Eva Maria Mesquita², Magali Milene Silva³

¹Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, Minas Gerais,
costa_victoria_@outlook.com, ORCID 0009.0000.2023.1656

²Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, Minas Gerais,
eva.mesquita.16@gmail.com, ORCID 0009.0007.2206.9390

³Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, Minas Gerais,
magalimilene@ufsj.edu.br, ORCID 0000.0001.8602.7084

Resumo

O artigo examina a construção psíquica de A. à luz do complexo de Édipo, um conceito central na psicanálise que descreve a estruturação do sujeito e sua entrada no campo simbólico. Para a elaboração do caso, destaca-se a importância da frustração e privação na dialética entre mãe e filho, e a intrusão da figura paterna como mediadora dessa relação. A construção do sujeito se dá pela articulação dessas faltas, que possibilitam a circulação discursiva e a estruturação psíquica. A agressividade de A. e suas dificuldades na escola são interpretadas como respostas defensivas à frustração e privação, revelando seu processo de enfrentamento da castração e a busca de estratégias para lidar com a angústia inerente ao desenvolvimento psíquico. Desse modo, a análise clínica visa apoiar A. na travessia do complexo de Édipo.

Palavras-chave: clínica infantil, complexo de Édipo, função materna, mediação paterna.

Introdução

Os atendimentos de A iniciaram-se quando o mesmo tinha 3 anos e 8 meses, em estágio no Serviço de Psicologia Aplicada. Dividiram-se em dois momentos: o primeiro, com duração de treze meses, foi motivado por uma demanda dos pais vinculada aos sintomas de resistência aos limites, seletividade alimentar, dificuldades para dormir, medo e choro excessivos apresentados pelo filho. O segundo momento trata-se de um retorno após 5 meses, a partir da queixa escolar de uma “regressão” de A., caracterizada por dificuldade de concentração e agressividade, que culminou no requisito de uma avaliação psicológica para investigação de Transtorno do déficit de atenção por parte do neurologista infantil. Assim, surgiu uma nova demanda familiar pelo acompanhamento analítico, sendo a mãe crítica ao movimento de diagnosticar o filho, apesar de estar atravessada pelo discurso escolar e médico.

O trabalho clínico do caso de A. envolve o acompanhamento da sua passagem pelos tempos do complexo de Édipo, o qual representa uma encruzilhada estrutural da constituição do sujeito, possibilitando a socialização da criança por meio da entrada no campo simbólico e culminando na apropriação do sujeito em relação ao seu próprio desejo. Os efeitos desse processo de estruturação psíquica são percebidos na clínica por meio do discurso produzido pela criança acerca dos seus sintomas. O sintoma mais investido apresentado por A. no primeiro momento de seu tratamento relacionava-se à sua resistência aos limites.

A construção do sujeito nos tempos do Édipo

No primeiro tempo do Édipo, no qual A. se encontrava no início do seu acompanhamento clínico, a criança está identificada como objeto de desejo da mãe (de quem desempenha a função materna). A partir dos primeiros cuidados, em que a mãe satisfaz as necessidades vitais do bebê, forma-se uma relação de alienação entre ambos. Essa indistinção promove a busca, por parte da criança, de ser o objeto de desejo materno, aquele que preencheria o que falta à mãe - o falo. Segundo Dor (1989), “a criança está diretamente alienada pela problemática fálica sob a forma da dialética do ser: ser ou não ser o falo” (p. 81).

Essa relação dialética com o falo marca a entrada no segundo tempo complexo do Édipo, no qual a ameaça de castração aparece para o bebê como a possibilidade de perder a completude imaginária que ele havia estabelecido com a mãe ao colocar-se no lugar de falo (Alonso, 2018). É no segundo tempo que “a criança é incontornavelmente introduzida no registro da castração pela intrusão da dimensão paterna” (Dor, 1989, p. 81), a qual promove a

percepção conflituosa de que a mãe tem outros desejos para além do filho. A figura paterna, aquela que introduz essa percepção à criança, sempre esteve presente. Porém, passa a ter um momento em que a criança consegue operar psiquicamente com ela, em que o operador faz seus efeitos. Ao entrar em cena, a mediação paterna marca para a criança a privação da manutenção do estado fusional mãe-criança-falo, e "a intrusão da presença paterna é vivida pela criança sob a forma de interdição e de frustração" (Dor, 1989, p. 82). Então, a percepção da figura paterna como possível detentora do falo que a mãe deseja leva a criança a deparar-se com o fato de que ela não *é* e não *tem* o falo - o que também aponta a possibilidade de tê-lo.

Desse modo, a conquista do falo coloca-se como a questão central do terceiro tempo do complexo de Édipo a partir da simbolização da lei fálica (a lei que instaura a impossibilidade de ser o falo) interditada pelo pai. "A dialética do ter convoca (...) o jogo das identificações. Segundo o sexo, a criança se inscreverá diferentemente na lógica identificatória mobilizada pelo jogo fálico. O menino (...) identificando-se com o pai" (Dor, 1989, p. 88). Porém, as elaborações do terceiro tempo do complexo de Édipo firmam-se apenas na adolescência, e, portanto, ainda não se colocam como essenciais para o caso de A.

A vivência Edípica no caso A.

No início do acompanhamento analítico, o lugar do pai no discurso da mãe parecia veicular para A. dificuldades na travessia do complexo de Édipo, visto que o discurso materno mantinha-o como seu objeto de desejo, permitindo que A. ocupasse o papel de "Sua Majestade O Bebê" (Freud, 1914/2010, p. 25) na dinâmica familiar. O olhar materno, aquele que, impulsionado pelo desejo antecipa ao seu bebê uma subjetividade, tem papel fundamental na constituição psíquica do sujeito (Calzavara & Ferreira, 2019), mas também pode vir a ser excessivo, como visto inicialmente no caso de A. Esse excesso do desejo materno é nomeado por Lacan (1992/1969-1970) como devastação. Para minimizar esse efeito, é preciso que a mãe referencie o seu papel de mulher, ou seja, que deseje algo para além de A., permitindo que ele se depare com a falta e, assim, construa o seu lugar de sujeito para além das figuras parentais.

A introdução da dúvida sobre o que mais poderia ser o desejo materno (colocando em cena também o seu próprio desejo) marca um momento de conflito na cena psíquica, que foi trabalhado com A. no primeiro momento de seu acompanhamento clínico. A dificuldade em operar com a interdição paterna era vista no discurso que A. produzia simbolizando sua elaboração sobre as figuras parentais. A princípio, as famílias de animais

(os personagens de suas brincadeiras) eram compostas por mães sempre presentes e ocupadas pelos cuidados com os filhos, enquanto os pais (muitas vezes ausentes), quando estavam em cena, não tinham voz e fala no decorrer das histórias ou eram “pais sem filhos” (fala de A.). Neste momento, A. parecia estar construindo uma “estratégia defensiva de evitação da castração” (Dor, 1989, p. 82), mantendo o desejo materno intrinsecamente atrelado ao filho.

As intervenções da analista deram-se no sentido de pontuar a dúvida sobre o desejo materno, na intenção de deslocar A. da posição de objeto desse desejo - como, quando direcionada por A. para encenar a mãe nas brincadeiras, a analista apresentava outros desejos que não os cuidados com os filhos. Após o primeiro ano de análise, ocorreram manifestações indicativas de que A. deparou-se com a castração, surgindo tentativas de elaboração de uma resposta para a pergunta que se apresentou sobre o desejo da mãe. Nas cenas construídas por ele, os pais adquiriram voz e tornaram-se maiores (de tamanho), ainda que A. afirmasse que isso fosse injusto, dando notícia do momento da sua constituição estrutural. Nos encontros que aconteceram com os pais, foi perceptível o deslocamento dos sintomas de A., que passou a dormir sozinho em seu próprio quarto, aumentou a quantidade da alimentação, introduziu novos alimentos e apresentou maior flexibilidade para lidar com as regras e combinados. Então, a partir dessa mudança de posição do sujeito, houve o encerramento do acompanhamento analítico.

No segundo momento, o retorno de A. passa por uma demanda da escola. Porém, ouvindo-o em análise, A. não apresentou o retrocesso apontado pela escola. Pelo contrário, as atividades propostas por ele tornaram-se mais flexíveis (as famílias de animais não se apresentam mais como centrais durante as sessões), e a comunicação verbal de A. tornou-se muito mais clara e articulada, havendo uma implicação de si mesmo e de suas vivências atuais em seu discurso - sendo que, anteriormente, havia uma tentativa de evitar a implicação subjetiva.

É importante compreender que o movimento realizado por A. nas sessões passam pela articulação da falta do objeto, falta esta que ao se instaurar possibilita o surgimento do sujeito no campo do desejo. Em O Seminário, livro 4 (1956-57/1995), Lacan distingue três tipos de falta do objeto: a privação, frustração e a castração. “São três tempos lógicos distintos da transmissão da falta e cada tempo engloba e ressignifica o anterior, ampliando as possibilidades de circulação discursiva do sujeito” (Fragelli, 2004, p. 120).

Em um primeiro momento, a relação dual com a mãe, aquela que detém o objeto fálico, faz com que ela, como sujeito inscrito no campo do simbólico, interprete as manifestações da criança buscando sua satisfação. Assim, a mãe, que é um sujeito faltante

“devido a sua condição subjetiva, que compreende a inscrição da castração (alguém a quem falta algo)” (Vorcaro et al, 2015, p. 135), com seu imaginário significa a demanda da criança. Então, a frustração se instaura nesta relação a partir do momento que há uma reivindicação. A mãe, que até então apresenta-se como matriz simbólica, passa a se apresentar também como real, determinando o que pode ou não ser oferecido à criança.

Poder-se-ia dizer que o que está em jogo nesta dialética é a suposição de que aquele que poderia ofertar algo - o objeto em questão - não o faz (...) O outro aparece neste plano como portador de um objeto-dom. A frustração se delineia em torno desta suposição do dom. (Vorcaro et al, 2015, p. 136)

O conceito de objeto-dom, conforme desenvolvido por Lacan (1956-7/1995), reflete uma mudança na dinâmica psíquica da criança em relação à mãe. Inicialmente, os objetos são vistos como simples fontes de satisfação de necessidades básicas. No entanto, quando a mãe se posiciona como uma figura de poder real e crucial para o acesso a esses objetos, os mesmos adquirem um novo significado simbólico como objetos-dom. Esses objetos não apenas satisfazem uma necessidade física, mas também simbolizam o dom concedido pela mãe. Assim, o objeto-dom assume uma dualidade: ele é tanto um meio de satisfação quanto um símbolo do cuidado materno, destacando-se na consciência da criança como um testemunho tangível do afeto materno e da dependência emocional associada à figura materna. Assim, a frustração conduz a um novo registro da falta, marcando a operação de um dano imaginário.

Esse movimento da frustração tem relação com a reivindicação do lugar de objeto de desejo da mãe, mas a entrada da mediação paterna causa um afastamento nessa relação dual e leva A. a se aproximar do pai, aquele que parece deter o falo. Essa aproximação é vista na clínica, como quando A. afirma que o pai (que antes estava ausente em grande parte das sessões) tornou-se aquele que protege o filho. A metáfora paterna seria, então, a representante da lei que permeia a estrutura familiar e intervém na relação sobre a forma de privação, “esta função, que permite transcender em direção a objetos sexuais no futuro, é o que denominamos lei” (Cabas, 2005, p. 129).

A queixa escolar envolvendo a agressividade de A. para com os seus colegas nos leva a refletir sobre como esse processo de privação vem instaurando-se. A angústia gerada pelo processo da dúvida sobre ser ou não o falo e a instauração de uma lei que o priva deste lugar parece fazer com que A. coloque-se em uma posição defensiva sobre aquilo que o atravessa como sujeito. Por exemplo, quando os colegas riem de algo que ele faz ou fala -

algo que diz sobre a sua posição subjetiva e o priva da satisfação, por causar constrangimento - leva-o a reagir com agressividade e a bater nos colegas.

Nesse movimento de privação da posição de objeto de desejo da mãe pela lei paterna, há uma emancipação do sujeito em relação ao Outro, visto que a lei paterna aponta a falta presente na mãe. Segundo Alonso (2018):

O Complexo de Édipo (...) está estritamente relacionado com o complexo de castração que se configura em, basicamente, uma ameaça de perda da completude imaginária do sujeito, completude esta que se baseia na ideia de "ter o falo". Assim, a diferença anatômica dos sexos teria papel fundamental na diferenciação estabelecida nesta fase. (p. 152)

Surge, assim, a questão da sexualidade, que leva A. a se dar conta que “a mãe não pode conceber sozinha” (Alonso, 2018, p. 153). Essa percepção desencadeia o que Freud (1905/2006) pontua como construção das teorias sexuais infantis e, então, em suas brincadeiras, começam a aparecer questionamentos sobre a origem da vida. Em uma das sessões, A. cria um cenário em que um dinossauro é caçado por um laboratório de pesquisa, que visa estudar como surgiu a vida na Terra. Essa história contada por ele, bem como outras elaborações feitas nas demais sessões após o retorno à análise, indicam que A. está se ocupando com as teorias sexuais e, conseqüentemente, com o entendimento das diferenças entre os sexos. As diferenças entre símbolos e objetos, que antes eram negadas ou angustiantes, agora são apontadas por A. como “satisfatórias”, em suas próprias palavras.

Considerações finais

Portanto, conclui-se que abrir espaço para as elaborações de A. na clínica aparenta já ter surtido efeitos em termos do deslocamento do sintoma da agressividade, visto que a mãe apontou que essa queixa não foi reiterada pela escola em reunião recente. Assim, percebe-se a posição de A. frente aos processos de frustração e privação, que perpassam o complexo de Édipo, ainda está em construção. Por outro lado, é possível observar avanços nessas construções, o que indica que a fixação inicial em ser o objeto de desejo materno já se deslocou, apontando para a constituição de uma estrutura neurótica. Assim, o acompanhamento clínico, que ainda está em voga, visa a apoiar a travessia do complexo de Édipo vivenciada por A., apostando na possibilidade de ajudá-lo a construir estratégias para lidar com a angústia despertada pelo processo de construção psíquica do qual o sujeito se ocupa na infância.

Referências

- Alonso, L. (2018, julho/dezembro). A metáfora paterna e o advento do inconsciente: Da natureza à cultura. *Revista da SPAGESP*, 19(2), 149-157. Recuperado em 15 de maio de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702018000200012
- Cabas, A. (2005). *Curso e discurso na obra de Jacques Lacan*. Centauro Editora.
- Calzavara, M. G. P., & Ferreira, M. A. V. (2019, 30 de dezembro). A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança. *Estilos da Clínica*, 24(3), 432-444. Recuperado em 1 de maio de 2024, de <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p432-444>
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. (C. E. Reis, Trad.). Artes Médicas.
- Fragelli, I. K. Z., & Petri, R. (2004). A transmissão da falta, a partir da leitura do seminário IV de Lacan. *Estilos da Clínica*, 9(17), 118-127. Recuperado em 30 de maio de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282004000200009&lng=pt&tlng=pt
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In *Sigmund Freud Obras completas, Volume 12* (1914-1916). (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Sigmund Freud Obras completas, Volume 6* (1901-1905). (N. G. Salomão, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. (A. Roitman, Trad., A. Quinet, Consult.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-70).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. (Vera Ribeiro, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-58).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-57).
- Vorcaro, Â. M. R., Moreira, G. G. M., Guimarães, M. Re., & Souza, M. A. de. (2015). Os registros iniciais da falta de objeto e suas implicações simbólicas na constituição do sujeito. *Gerai's: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(1), 131-142. Recuperado

em 30 de maio de 2024, de
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000100010&lng=pt&tlng=pt